

Para Ver Filmes

Silvino Mendonça

Primeiros passos: pensar a(s) cidade(s)

Para iniciar o desenvolvimento do trabalho prático da disciplina Métodos e Processos em Arte Contemporânea (2º/2019) – uma ação coletiva que ganha forma a partir de deslocamentos pelo espaço urbano – fez-se necessário pensar a cidade a partir de suas escalas, suas características organizacionais, seus habitantes e demais componentes materiais e simbólicos. A partir de discussões realizadas em sala de aula, algumas questões vieram à tona: onde a cidade começa e onde ela termina? Quais limites separam o espaço público do espaço privado? Quais locais possibilitam a realização de ações artísticas significativas? E, mais importante, quais fronteiras – visíveis e invisíveis – dividem as pessoas que diariamente transitam pelos mesmos espaços?

Na reta final do semestre, após longas conversas sobre ilhas, navegação, fronteiras e estrangeirismos, coube ainda ao(a) artista pesquisador(a) se perguntar: quantas possibilidades de cidade cabem em um mesmo território? Ou ainda, parafraseando o título de um filme de Adirley Queiroz sobre os processos de exclusão territorial e social entre Brasília e seu entorno, *a cidade é uma só?*

Para iniciar, rememoro alguns dos principais temas debatidos em sala de aula durante o semestre a partir de anotações soltas que fiz no caderno. Não sei se as frases surgiram da minha cabeça; elas podem ter sido ditas pelos(as) alunos(as) ou pela professora. Seguem abaixo.

“Geopoética: um corpo se move no espaço. Que corpo é esse?”

“O deslocamento desaloja o sedentarismo e o domínio privado.”

“Será que existe uma morada ou estamos destinados a vagar eternamente por necessidade?”

“A essência da ilha deserta é imaginária. Mitológica, não geográfica.”

“Ao se aproximar da fronteira, a pessoa causa distúrbios. A fronteira é também uma imagem psicológica.”

“Quanto mais alta é a parede da fronteira, maior é a curiosidades sobre o outro lado.”

“As imagens atravessam paredes.”

“Caminhar pela cidade é criar narrativas.”

“Somos exterioridade absoluta.”

“Por que domesticar os turbilhões?”

A criação do espaço público

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. (*A Invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau, pág. 170)

Em *A Invenção do Cotidiano* (1980), Michel de Certeau defende que o ato de caminhar é um espaço de enunciação. Segundo o autor, “os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses ‘sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade’, mas ‘não têm nenhum receptáculo físico’. Elas não se localizam, mas são elas que espacializam.” (pág. 163). É na caminhada, segundo o autor, que questionamos, selecionamos e fragmentamos o espaço percorrido, desautomatizando a cidade e possibilitando novos trajetos. Compreende-se, em suma, que a condição de pedestre é essencial para que as cidades ganhem sentido e se façam possíveis, vivas e múltiplas. É no atrito direto entre o espaço urbano e o corpo humano que a cidade se constrói na mente daqueles que a habitam.

Ao basear o percurso de caminhadas em nomes e números de ruas, comércios e residências, o/a pedestre comum configura constelações que organizam semanticamente o espaço público da cidade. Na condição de passantes por estes locais, no entanto, muitas vezes os valores prévios atribuídos a eles são desconsiderados em prol de novos sentidos e significações baseados em experiências pessoais. Nesta perspectiva, é possível que a rua do Ouvidor, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, deixe de ser percebida como o berço da imprensa carioca e passe a ser reconhecida mais amplamente como um ponto de encontro entre amigos/as para feijoadas aos domingos. Sobre essa mudança de sentido atribuída a palavras que designam locais (a construção de uma geografia segunda, poética), Michel de Certeau (1980) diz: “Seria necessário multiplicar as comparações para explicar os poderes mágicos de que dispõem os nomes próprios. Parecem carregados pela mãos viajoras que conduzem enfeitando-as.” (pág.171).

Os relatos de diferentes pessoas sobre o mesmo espaço viajado, percorrido e experimentado podem ser tanto complementares quanto contraditórios. Nesta perspectiva, é possível afirmar que a condição do espaço é a de constante resignificação. Para Milton Santos, o espaço é sempre afetado pelos eventos – uma combinação de ordens temporal e espacial, atuantes sempre no presente. Segundo o autor, “o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento.” (SANTOS, 2006, pág. 93). Em suma, é possível afirmar que um mesmo espaço comporta múltiplos lugares, com sentidos e valores tão diversos quanto as experiências neles vividas.

Pensamento de fronteira a partir do Cine Academia de Tênis

Em *Living Along the Border*¹, Michel Butor apresenta um pequeno ensaio tipológico de fronteiras. Fascinado pelas pinturas do artista húngaro Batuz e pelas relações que se estabeleciam entre os países europeus a partir das divisas territoriais que os delimitavam – enquanto morava em Nice, na França, Butor lecionava em Genebra, na Suíça –, o autor escreveu sobre diferentes tipos de tensão em situações limítrofes. No processo, ele apontou para algumas possibilidades de fronteiras: espaciais, políticas, temporais, íntimas, entre outras.

Ao pensar nas tensões fronteiriças que atravessam o meu cotidiano, cheguei ao Cine Academia de Tênis, local que frequentei durante vários anos da minha vida. Ali certamente há uma fronteira física: o local encontra-se em ruínas e há um vigia que impede a entrada de transeuntes; uma temporal: não há mais programação cultural em 2019; e outra simbólica: suas grades sempre fechadas são um lembrete de que não temos mais acesso a um espaço com programação de cinema verdadeiramente diversificada em Brasília. O encerramento de suas atividades em 2010 também aponta para uma fronteira nunca atravessada: o fim da distribuição e projeção de películas de 35mm em cinemas comerciais e a consolidação do circuito de exibição digital.

As primeiras sessões regulares com projeção digital no circuito comercial de Brasília aconteceram em 2007, enquanto as últimas projeções analógicas aconteceram em 2015 (com exceção de algumas mostras em centros culturais e sessões especiais no Cine Brasília realizadas anos depois). Desta forma, o Cine Academia deixou de existir justamente na época em que ocorreu a maior mudança estrutural das últimas décadas no mercado nacional e internacional de cinema. A não chegada à era das projeções digitais é também um lembrete de que o local pertence ao passado, por mais recente que seja esse passado.

A primeira vez em que pisei o carpete azul estampado com flores vermelhas que atravessava o saguão do Cine Academia de Tênis foi, provavelmente, quando minha tia Cida me levou para assistir a *Waking Life* (2001), de Richard Linklater, em 2002. Nos anos seguintes, enquanto operou de forma plena, com programação de títulos nacionais e estrangeiros atualizada semanalmente, aquele foi certamente o meu local favorito em Brasília.

Minha última sessão no Cine Academia aconteceu oito anos após a primeira, em 19 de fevereiro de 2010. Na ocasião, assisti com um amigo à estreia de *Um Homem Sério*, dirigido pelos irmãos Coen. Algumas semanas após a sessão, em uma tarde de segunda-feira, um incêndio acidental iniciado durante a troca do carpete da sala 8 causou estragos de grandes proporções, acarretando no encerramento definitivo das atividades do Cine Academia.

Além de ter sido o único complexo de cinemas de Brasília localizado fora de um *shopping*

¹ Fala realizada por Michel Butor em Coblença, em 14 de novembro de 1987.

durante seus anos de funcionamento, o Cine Academia ficava próximo ao Lago Paranoá, afastado do centro da cidade, como um refúgio silencioso. Essas características certamente faziam dele um local elitista e pouco acessível, mas em âmbito pessoal, aquela era minha pequena ilha de isolamento em Brasília, onde às vezes eu passava as tardes de sábado e domingo acompanhando cinematografias de países estrangeiros.

Em seus treze anos de funcionamento (1997 - 2010), o Cine Academia foi a maior referência do DF em programação diversificada. Enquanto produções norte-americanas dominavam o circuito de estreias nas demais salas de cinema, no Cine Academia eram frequentes os filmes independentes asiáticos, africanos e latino-americanos – não só ficções, mas também documentários. Era lá que acontecia, por exemplo, o Festival Internacional de Cinema de Brasília (FIC). Lembro, por exemplo, de assistir ao filme *Sob Controle* (2008), de Jennifer Lynch, no encerramento da décima edição do festival sentado a poucas cadeiras de distância de Bill Pullman, um dos atores do filme (que atuou também como presidente dos EUA no blockbuster *Independence Day* (1996), uma das minhas maiores obsessões cinematográficas de infância). Entre as memórias que tenho do Cine Academia, estão também as horas descompromissadas passadas nos sofás do hall e o desejo de ter para mim um pôster de *Palíndromos* (2004) autografado pelo diretor, Todd Solondz, que ficava próximo à entrada do banheiro masculino.

Em uma ida recente à Copenhague, sentei no hall do complexo de cinemas *Vester Vov Vov* com uma amiga para descansar um pouco as pernas após longas caminhadas pela cidade e por lá procrastinamos durante algumas horas. Não assistimos a nenhum filme. Ficamos apenas sentados, conversando sobre assuntos diversos enquanto observávamos o público de transeuntes. Lembro que na parede havia um manifesto original do Dogma 95 – movimento cinematográfico de cunho técnico que defendia um fazer cinematográfico mais cru e realista – assinado por Lars von Trier e Thomas Vinterberg. Em retrospecto, essa experiência é um lembrete de que os arredores das salas de cinema sempre foram um lugar de conforto para mim.

Embora o meu interesse pela Academia de Tênis tenha sido quase restrito ao cinema, vale citar que o local também foi cenário de bastidores da política. Segundo a matéria *Cai o pano do palco de todas as tretas*, publicado em maio de 2011 na Revista Piauí, a Academia já serviu de morada para quatro presidentes da República – Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. O texto afirma ainda que ali se formaram os planos Cruzado e Collor e que a transição da ditadura militar para o regime civil foi monitorada de lá.

Hoje abandonado, tomado por plantas que crescem descontroladamente, tal qual a zona proibida de *Stalker* (1979), de Andrei Tarkovsky, o espaço aponta para algumas incertezas: ele será demolido? Reformado? Talvez vire um clube. Talvez vire um conjunto habitacional. Talvez permaneça como está por décadas. Talvez seja reconstruído em breve. A única certeza, por ora, é que as suas ruínas ainda guardam muitos resquícios dos anos de glória.

Em 2017, adentrei o espaço pela primeira vez desde 2010 acompanhado de dois amigos. Lá encontramos filmes de 35mm, cartazes, ingressos, instruções de projeção e uma carteirinha estudantil da UnB. A maior descoberta foi uma sala escura com vasto acervo de cartazes e trailers de filmes em 35mm tomados pelo mofo acumulado durante os últimos anos. Coletei boa parte do material, na esperança de que um dia elas fossem úteis novamente.

Dois anos depois, criei a instalação *Para Ver Filmes* (2019) com rolos de 35mm coletados nas ruínas do Cine Academia. Dispostos sobre uma superfície de vidro transparente, frames dos longas-metragens *Insolação* (2009), *O Profeta* (2009), *A Bela Junie* (2008) e *Lula, o Filho do Brasil* (2009) podem ser vistos a olho nu ou com o auxílio de lupas. Meu objetivo foi construir uma constelação de narrativas incompletas e atravessadas – um cemitério de imagens. A obra aponta não apenas para o encerramento repentino das atividades do Cine Academia, mas também para as incertezas que rodeiam os circuitos de exibição de cinema no Brasil em tempos de desmonte cultural e domínio das produções estadunidenses nas bilheterias.

Bibliografia

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRAGA, Plínio. *Cai o pano no palco de todas as tretas*. Revista Piauí. Edição 56, 2011.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.